

---

## RESENHAS

---

### A CONQUISTA DO SERTÃO VISTA DE UMA PERSPECTIVA ORIGINAL

*Ivan Sergio Freire de Sousa<sup>1</sup>*

LEONARDI, Victor. **Entre árvores e esquecimentos**: história social nos sertões do Brasil. Brasília: Paralelo 15 Editores, 1996. 431p.

Eis uma forma original de se tratar a expansão brasileira para a vasta região dos sertões. É um trabalho cuja profundidade de abordagem e discussão mostra o desacerto de parte da bibliografia social que, direta ou indiretamente, desqualifica a história e a cultura indígenas como algo digno de menção ou de atenção mais sistemática. O belíssimo título do livro, inspirado nos versos de Fernando Pessoa (*E ir ser selvagem para a morte, entre árvores e esquecimentos*) é inteiramente pertinente. A violência ocorrida em terras não tão vazias de pessoas e culturas chegou ao paroxismo de negar a existência de culturas outras.

O estudo do professor Leonardi abarca o período do Brasil Colônia aos tempos atuais. É entre árvores (muitas) e esquecimentos (também muitos) que esse processo secular toma vulto na história social brasileira. Os agentes que participaram (e participam) da conquista das terras do sertão (do Nordeste, do Centro-Oeste, do Sul, do Sudeste e do Norte) não encontraram, nem têm encontrado, pelo caminho solos devolutos, sem donos, de exclusiva vida silvestre; solos que apenas estivessem ali, aguardando o homem branco para colonizá-lo e integrá-lo à vida econômica nacional. Aliás, o autor não simpatiza com esta expressão homem branco. Para ele, ela é tão inadequada quanto a expressão Terceiro Mundo. “A primeira compartimenta as responsabilidades históricas em nível racial. A segunda, em nível geoeconômico” (p. 186).

Quando a história dos sertões é vista unilateralmente, de muitas coisas importantes se está esquecendo. A começar pelo fato de que aqueles solos tinham (e muitos ainda continuam tendo) moradores milenares. Que aqueles

---

<sup>1</sup> Ph.D. em Sociologia, pesquisador da Embrapa. E.Mail: ivan@sede.embrapa.br

moradores primitivos formavam (e formam) culturas diferenciadas, falando línguas diferentes, possuindo mitos próprios e integrando-se diferentemente com a natureza que os circundavam. Que aqueles moradores resistiram a expansão que se fazia. A conquista social, econômica e política dos sertões significou, assim, lutas, violências, mortes, extermínios, heroísmos. Significou, entre árvores e esquecimentos, o desaparecimento de milhares de vidas humanas. Mortes que ocorreram não só por tiros ou a golpes de espada e facões, mas também por doenças trazidas pelo europeu (portugueses, espanhóis, franceses, holandeses, ingleses), como a varíola e a tuberculose.

É esta a história que Victor Leonardi conta de forma clara, elegante, profunda. O forte do conteúdo discutido neste ensaio vem de uma formação madura de historiador que transita muito bem em outras áreas das ciências sociais. Leonardi é também sociólogo e advogado. Revela que não tem dificuldades com a leitura de filósofos e economistas.

Valendo-se de viagens a Portugal, à Espanha, à França, ao Egito, ao Senegal, e a uma série de povoados da região saariana, o autor começa a descortinar dimensões novas sobre o seu país e a sua história e, particularmente, sobre o tema que começa ter em mente. Demora-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e nos arquivos de Sevilha e Simancas. Foram viagens, conversas e leituras muitas que amadureceram e tornaram possível este projeto de treze anos de elaboração que foi **Entre Árvores e Esquecimentos**.

Uma hipótese importante de Leonardi para explicar o descaso para com os povos e culturas ameríndias na historiografia brasileira diz respeito à inexistência de quadro teórico relevante sobre o problema. Este é o caso específico da ausência de categorias explicativas sobre os indígenas na teoria de Marx. Defende Leonardi que "... foi por não terem encontrado estímulo teórico suficiente no marxismo que alguns historiadores brasileiros deixaram de lado esse tema, como se as questões que ele envolve fossem de interesse exclusivo da etnografia. É como se a industrialização e a modernidade tivessem feito desaparecer, do Brasil, o seu imenso sertão" (p.162). Sua argumentação em defesa desta hipótese é sólida e vale a pena ser acompanhada e refletida.

É um livro instigante, sério e humano. É um livro de paz, não de acusações. É uma obra que desperta a consciência crítica do cidadão brasileiro. Ao trazer, ao mesmo tempo, o que existe de pior e de melhor na história social dos sertões

brasileiros, este é também um livro que colabora positivamente para a construção ou reconstrução da identidade do brasileiro. Mas não é só isso. Numa argumentação plena de sentido e lógica, **Entre Árvores e Esquecimentos** põe em xeque a unicidade daquilo que seria a questão nacional.

Embora o autor não enfoque direta e sistematicamente a questão da diversidade/uniformidade nas terras agricultáveis (o seu foco é a história social dos sertões), oferece elementos fundamentais também para este tipo de estudo. Argumenta que o indígena brasileiro não utilizou apenas o fogo como técnica de manejo da terra. Mostra o autor que eles foram grandes reflorestadores, utilizando-se de um vasto número de espécies florestais. A sua dieta não se restringia a poucas fontes vegetais, mas a um número muito grande delas, o que, por si só, induzia à diversidade de plantio florestal.

Numa outra dimensão, ao mostrar o aniquilamento de povos e culturas inteiras no Brasil, Leonardi apresenta indícios importantes de uma relação bem estreita entre uniformidade cultural e uniformidade de plantas e animais no campo. Ao se destruir a diversidade de povos e culturas, terminaram por prevalecer formas menos diversas de organização da produção agrícola e do reflorestamento. Diz o autor: “A consciência ecológica desenvolveu-se muito nas duas últimas décadas do século XX, mas alguns problemas sobre os quais ela se debruça surgiram no início da expansão mercantilista, no século XVI” (p. 367).

No seu livro, efetivamente, Leonardi dá voz aos “grandes mudos da história do Brasil”. Uma voz que quer e precisa ser ouvida, que tem uma narrativa, uma história, uma experiência a ser relatada. Que tem algo importante a dizer. Na verdade, vozes e não apenas voz. Não é de índio que se fala aqui, mas de sociedades bem heterogêneas. Índio é um termo ideológico, político, que não clarifica aquilo que quer designar. Para clarificar este ponto, diz, a um determinado momento, o autor:

“... as populações pré-colombianas são muito diferentes entre si, no aspecto físico, na língua, na cultura. Referir-se a seus membros como *índios* é uma atitude mental semelhante àquela que teria alguém que anulasse as particularidades culturais que distinguem, na Europa e na Ásia, os alemães dos suecos, os franceses dos turcos, os catalães dos coreanos, e assim por diante, chamando-os genericamente de *euro-asiáticos* só pelo fato de todos eles habitarem o mesmo continente. No entanto, na América, há quase quinhentos anos vem-se falando de *índios* para designar povos tão diferentes entre si como os Sioux e os Araucano. Os Nambikwara e os Mundurukú. (p.279).

Algo também muito importante: o livro não é hermético. Destina-se a um largo público, sem deixar de ser essencial para os estudiosos do tema. São extremamente úteis as referências bibliográficas que vão aparecendo ao longo do texto.

O arrojado prefácio escrito por Francisco Foot Hardman, co-autor com Leonardi no livro *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*, de 1991, está à altura do esforço e do tratamento que o autor dá à história dos sertões brasileiros. Tenho certeza que o leitor concordará comigo que **Entre Árvores e Esquecimentos** é um livro que precisava ser escrito e publicado. Parabéns ao autor e à editora Paralelo 15.

## REFERÊNCIAS

LEONARDI, Victor. **Entre árvores e esquecimentos**: história social nos sertões do Brasil. Brasília: Paralelo 15 Editores, 1996. 431p.